

## Sobre a ignorância: efeitos na educação contemporânea

Raymundo de Lima \*

### Resumo

A ilusão da sociedade do conhecimento também produz ignorâncias. O autor aborda alguns tipos de ignorância(s), suas causas e efeitos. A perspectiva psicanalítica, aqui, é convocada para esclarecer sobre a função da ignorância dentro e fora do sujeito em processo educativo. O autor convida investigar, para além do texto, como a ignorância sobrevive em meio a tanta informação, conhecimento e avanços tecnológicos na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** conhecimento; ignorância; educação.



\* **RAYMUNDO DE LIMA** é formado em Psicologia em 1980, mestre em Psicologia em 1985, doutorado em filosofia interrompido em 1994, doutor em educação em 2005, pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Desde 1995 é professor do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM), na área de Metodologia e Técnica da Pesquisa. É colunista da Revista Espaço Acadêmico, desde 2000.



*“Há verdadeiramente duas coisas diferentes: o saber e crer que se sabe; em crer que sabe reside a ignorância” (Hipócrates).*

*“Sábio é o homem que chega a ter consciência da sua ignorância” (Barão de Itararé).*

*“Com frequência, a desgraça humana evitável é causada menos pela estupidez do que pela ignorância, sobretudo pela nossa ignorância sobre nós mesmos” (Carl Sagan).*

Vivemos numa “sociedade do conhecimento”, ou melhor, vivemos numa “sociedade da informação”<sup>1</sup>. Sociedade do conhecimento faz parte do discurso ideológico contemporâneo fundado no fascínio ao mundo globalizado, em redes de comunicação digitais e sofisticados controles eletrônicos de diversos centros urbanos e tráfegos em geral, que, obviamente, não promove o conhecimento em todos os seguimentos da sociedade. Noutros termos, o discurso sobre a sociedade do conhecimento, ou melhor, sobre a

<sup>1</sup> O sociólogo alemão, Robert Kurz (2002), considera que o atual discurso da “sociedade do conhecimento” esteja sendo usado como sinônimo de “sociedade da informação”. Ou seja, aqui, existe um reducionismo do conhecimento sistemático para a informação que é produzida em larga escala, nos causando confusão entre ambas e um sentimento de maravilhamento diante da internet, celular, inteligência artificial, etc.

sociedade da informação, parece estar promovendo algumas formas de ignorância, das quais trataremos neste texto.

Pelo lado do sujeito dividido ou sujeito psicanalítico (Consciente e Inconsciente), parece que nem todos humanos são radicalmente comprometidos em aprender e saber. Aristóteles afirma que todo homem aspira conhecer e ser feliz: reconhece, no entanto, que embora todos aspirem à felicidade, poucos se interessam em ascender ao conhecimento sistemático. Existem autores que afirmam exatamente o contrário do estagirita: “não nascemos gloriosamente para aprender, e nem temos uma natureza pronta para isso, como defenderiam alguns ideais educativos [...]”, escreve Marcelo Ricardo Pereira (2011 – ver neste dossiê). Talvez exagerando, há ainda aqueles que desenvolvem uma “paixão da ignorância” (MRECH, 1999), cujos efeitos são imprevisíveis. Porque alguém que no lugar da razão (em grego, *logos*) sustenta uma paixão (em grego, *pathos*) pela ignorância, caminha na contramão do *homo sapiens*, isto é, se nega a contribuir para o aprimoramento do sujeito humano e melhorar as conquistas da civilização.

Vale lembrar que, em 1783, Immanuel Kant (1985) se perguntava: “*será que vivemos numa época esclarecida [aufgeklärten]?*” Ao que ele responde negativa e distintamente: “*Vivemos,*

*sim, numa época de esclarecimento* (em alemão, *Aufklärung*)”. Mas muitos vivem na obscuridade.

Assim, pensamos que na nossa época “todos” estão suficientemente informados sobre os estudos e debates científicos, por exemplo, sobre a pandemia causada pelo vírus H1N1 (gripe suína) ou a relação do mosquito *aedes aegypti* com a doença dengue. Ou seja, esta informação que supomos ser de domínio de “todos” não gera obrigatoriamente procedimentos preventivos contra tais doenças. Os hábitos higienizadores de lavar as mãos, evitar aglomerações, espirrar no antebraço, etc., são rotineiramente desconsiderados, inclusive por estudantes universitários, como atestam enquetes e pesquisas amplamente divulgadas pela mídia. Desse modo, a sociedade da informação não reproduz informação do conhecimento científico subjetivado, como também desenvolve atitudes de ignorância, isto é, sujeitos determinados a viver com “seu” senso comum como se fosse uma ‘sabedoria ignorante’, isto é, um contra-senso de fundo suicida e homicida.

Essas observações nos orientam no sentido de levarmos a sério um pensamento sobre a ignorância em nossa época.

\* \* \*

Pretendo, aqui, considerar oito formas de ignorância: a ignorância por ingenuidade, a “douta ignorância”, a ignorância intencional ou resistente ao conhecimento, a ignorância na escola, o “*aburrimento*” dos professores, a ignorância na internet, a ignorância do especialista: alguém que “sabe tudo sobre nada” e a ignorância produzida pelo superego pós-moderno.



### 1. A ignorância por ingenuidade

É a ignorância da definição; geralmente está associada ao conhecimento do senso comum, popular ou ingênuo. Assim, Chauí observa que “ignorar é não saber alguma coisa. A ignorância pode ser tão profunda que sequer a percebemos ou a sentimos, isto é, não sabemos que não sabemos, não sabemos que ignoramos” (CHAUI, 2000, p. 90).

O sujeito, neste caso, “não sabe, não sabe que não sabe, e não tem culpa de não saber”. Ou seja, ele “não sabe” – ignora – por falta de instrução ou por um *déficit* constitucional (cegueira física ou psíquica, surdez, falta de paladar, inteligência insuficiente, moralismo, fanatismo). Por exemplo, uma mãe ou um pai *não sabem* sobre o seu dever de levar os filhos para vacinar<sup>2</sup>, ou de ensiná-los a escovar os

<sup>2</sup> Existem pais de formação universitária hoje que “se esquecem” de levar os filhos para serem vacinados. Foi preciso o governo impor uma regrinha: para matricular as crianças na escola os pais devem apresentar carteira de vacinação. Mas esta ignorância dos pais foi maior, nos tempos em que o governo adotava as medidas preventivas da medicina sanitária. Assim, tivemos a revolta popular contra a vacinação obrigatória antivariólica, ocorrida no Rio de

dentes todos os dias, ou fazer higiene pessoal, se prevenir contra doenças, etc. Se estes pais tivessem oportunidade – de informação e conhecimento científico e jurídico, básicos – ascenderiam ao conhecimento e à condição de sujeito ou cidadãos. Trata-se de um tipo de ignorância prejudicial tanto à própria pessoa como aos seus próximos e à sociedade.

Essa ignorância atinge tantos as pessoas ditas normais como as comprometidas com alguma patologia. No primeiro caso, estão as pessoas simples ou sem instrução escolar até aquelas instruídas, mas que não dirigem carro, não sabem usar o computador ou carecem de habilidade para fazer funcionar um aparelho de DVD, celular, iPad, etc. No segundo caso, estão os portadores de algum tipo de patologia, os loucos, os privados de sono, os dependentes das drogas ou álcool. Estes últimos, diante de uma frustração, tendem a reações impulsivas e compulsivas, às vezes reagindo com ataques de raiva ou fúria destrutiva. No meio jurídico costuma-se recorrer à discussão sobre a

imputabilidade<sup>3</sup> destes atos, isto é, quando os estados patológicos levam a perder o senso de responsabilidade e de falta de cálculo dos efeitos daquilo que é feito. As crianças atendidas pela Super Nany e trabalhadores altamente estressados, em estado de *burnout*, podem ser incluídos nesse tipo ingênuo de ignorância em ato, ou ignorância sobre os efeitos de seus atos.

## 2. A “douta ignorância”

Ela foi considerada, no século XV, por Nicolau de Cusa. Coube a Jacques Lacan resgatar esta ideia visando desenvolver uma lógica sobre a posição do psicanalista. A “douta ignorância”, atualizada por Lacan, reconhece os limites do conhecimento racional, portanto, trabalha com a hipótese da produção de um “outro conhecimento” não-racional ou que obedece a uma “outra lógica”, a do inconsciente. Sinaliza, assim, que o psicanalista não se faz pelo título, nem pelo conhecimento de toda a obra de Sigmund Freud, mas sim, pelo paciente que atribui à figura do analista a referência de um ser que sabe-tudo-sobre-ele (SsS). Além disso, é preciso a suposição de que o analista considere seu desejo de analisar o seu próprio inconsciente, como meio de diminuir sua ignorância sobre seus conflitos e tendências. Como observa Cottet (1990, p.169), é preciso supor que o analista é desejante e não, apenas, “desejado”. O analista é um “sujeito suposto desejo”.

---

Janeiro em novembro de 1904. Na análise de José Murilo de Carvalho (1987), seu aspecto mais interessante é que não teve um lado errado e um lado certo, bons e maus. Os dois lados estavam certos, ou os dois estavam errados, dependendo do ponto de vista. “[...] *Paralelepípedos revolvidos, que serviam de projéteis para essas depredações, coalhavam a via pública; em todos os pontos destroços de bondes quebrados e incendiados, portas arrancadas, colchões, latas, montes de pedras, mostravam os vestígios das barricadas feitas pela multidão agitada*”. A “*multidão agitada*” combatia a polícia atirando, jogando pedras, ou o que tivesse à mão, atacava delegacias, quartéis, casa de armas, postos de saúde, destruía bondes e postes de iluminação. Assustado, o governo convocou batalhões sediados em Niterói, Lorena e São João Del Rei” (CARVALHO, 1987).

---

<sup>3</sup> O nosso ordenamento jurídico prevê a “inimputabilidade relativa” nos casos em que um crime é cometido por ignorância: indígenas, retardados mentais e loucos. Portanto, a moral religiosa cristã tende a perdoar essa forma de ignorância porque “eles não sabem o que fazem, e não têm culpa de não saber”. Mas, existem aqueles que sabem e mesmo assim continuam fazendo, por exemplo, maldades. Este ato é considerado por Zizek (1990) como “moral cínica”.



Na verdade, o psicanalista tem apenas um saber mínimo sobre si e sobre o seu ofício, que Mannoni (1989) formulou como “um saber que não se sabe”. Assim, seu esforço de ouvir ou escutar “flutuantemente” a fala do paciente, sua habilidade de manejar a transferência e o “como” dizer ao paciente, evitando sempre cair na tentação da análise ‘inculta’ ou ‘selvagem’ (FREUD, 1910), fazem parte do longo processo de afastamento da ignorância sobre o saber-fazer da psicanálise. Mas, este afastamento total da ignorância torna-se impossível, visto nossa condição “demasiadamente humana”. Pelo menos, a “douta ignorância” sinaliza ao psicanalista não “ajudar” e nem “compreender”, mas incentivar o paciente a *falar-e-falar* sobre sua história de vida, enfrentar suas resistências subjetivas, até ele chegar a poder *dizer* ou *se aproximar* da verdade do seu inconsciente. As sessões de psicanálise servem para produzir um saber-que-não-se-sabe, um saber “in-sabido” (em alemão, *Unbewusste* = “não-sabido” = Inconsciente). A técnica da produção desse saber é formulada por Freud em três tempos: “rememorar, repetir e elaborar”. Isso só acontece se o psicanalista se posiciona como um sujeito “zerado” de preconceitos e até de conhecimentos teóricos. Tal atitude constitui mais um princípio da ética da clínica psicanalítica, ancorado na ideia da “douta ignorância”, do que um ato de intervir no dito do paciente.

A psicanálise é um método clínico que leva o sujeito a conhecer mais sobre si próprio. Saber como funciona o seu inconsciente, por um lado, deixa o sujeito menos ignorante de si (inconsciente), e, por outro, deixa o sujeito mais consciente sobre como poderia aproveitar este saber-que-nada-sabe para viver melhor. O neurótico, por exemplo, é tanto vítima da ignorância

de “não saber” o “in-sabido” (inconsciente), como da angústia, da compulsão à repetição e das defesas que o impedem de dar um salto na sua qualidade de existência.

Esse tipo de ignorância “positiva” também é chamado de “pseudoignorância”, porque só pelo fato de o sujeito ser humilde diante do que ainda pode saber nos leva a vê-lo como sábio.

Ainda que tal sujeito (psicanalista ou paciente) não se posicione como filósofo no estilo de um Sócrates; ainda que como poeta “goste de coisas desinteressantes”, que viva “desaprendendo”, e até publique “O livro das ignoranças” (BARROS, 1997), pode se aproximar da ideia de sabedoria, quer com versos singelos do poeta, quer com o dizer pleno do paciente em final de análise, quer como psicanalista que se esforça por ouvir-escutar cada paciente na sua singularidade.

### 3. A ignorância intencional ou resistente ao conhecimento

Talvez a pior ignorância é “desejar continuar não sabendo”. Alguns exemplos de ignorância intencional: cidadão resistente para usar o cinto de segurança do automóvel, porque não está convencido de que este instrumento evita traumatismos e mortes; adolescentes que resistem a adquirir hábitos de civilidade; pai ou mãe que não acreditam no tratamento psicoterápico, psicanalítico ou psicopedagógico; adultos resistentes a consultas médicas e odontológicas, etc.

A ignorância intencional é a forma mais perigosa de ignorância. Ela se sustenta em preconceitos, opiniões marcadas pela arrogância do tipo “não sei e tenho raiva de quem sabe”. Inconscientemente, o sujeito adota uma

posição dogmática que recusa saber. Era comum no cotidiano da década de 1980 ouvirmos pessoas compulsivamente falar “não quero nem saber”, como se tal atitude merecesse elogios e conquistasse adeptos.

Paradoxalmente, na chamada “sociedade do conhecimento” há aqueles que, com orgulho, se posicionam na contramão de saber, por exemplo, se recusando a fazer exames preventivos de câncer de útero, de próstata ou ter hábitos saudáveis de alimentação, trabalho e higiene.

Pessoas letradas também podem demonstrar ignorância intencional, quando dizem não sentir falta de ler, ou de conhecer com profundidade o pensamento de um autor. Não raro, se compra centenas de canais de TV, mas só são assistidos canais abertos e programas de baixa qualidade. Portanto, o ignorante intencional recusa ampliar seu conhecimento televisivo, fílmico, via noticiário, enfim, toma uma atitude contrária ao desenvolvimento da virtude, no sentido aristotélico.

Esse tipo de ignorância geralmente se envolve numa capa de auto-suficiência e arrogância em seu estilo de viver e falar, com efeitos danosos para a imagem e ascese do próprio. A repetição à compulsão deste tipo de ignorância leva o sujeito à alienação, que é algo mais que um não-saber, é um tipo de defesa ou medo “de saber” ou “negação do saber”<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Usamos o termo “recusa” (em alemão, *Verleugnung*), como uma “tentativa imperfeita de desligar o eu (ego) da realidade; instauram-se duas atitudes opostas, independentes uma da outra, levando a uma clivagem do eu”. Assim, a ‘recusa’, que não seria muito perigosa na vida psíquica da criança, **seria o ponto de partida para a entrada do adulto na psicose.** (cf.: LAPLANCHE & PONTALIS, 1970, p.562; CHEMAMA, 1995, p. 186-7).

A ignorância intencional parece adentrar a escola contemporânea. Uma pesquisa<sup>5</sup> detecta que **40,3%** dos alunos brasileiros de 15 a 17 anos, *não têm interesse para aprender*, e por isso abandonam a escola, enquanto 27,1% saem por razões de trabalho e renda. Descarta-se, portanto, a ideia de que a maioria dos alunos não retorna à escola porque precisa trabalhar. Claro, existem muitos alunos que não retornam à escola porque necessitam trabalhar, mas a pesquisa aponta que um número significativo de alunos não gosta de estudar; o ensino não atraente, a falta de perspectiva sobre que fazer com conteúdos aprendidos, a distância casa-trabalho-escola, tudo isto contribui para tal abandono. Os professores foram formados para um tipo ideal de aluno predisposto para o aprendizado escolar e em transferência positiva para com o lugar do mestre. Confrontada a este respeito, Yvelise Arcoverde, Secretária Educação do Paraná, em 2009, responde com uma pergunta: “*Como convencer um aluno assim a ficar na escola? Mesmo amarrando-o na cadeira, não vai adiantar*”.

A ignorância, quando é uma escolha do sujeito na escola ou universidade, exerce uma função tão poderosa que impede que o sujeito tenha acesso ao saber sistematizado ou de base científica e às informações atualizadas. Existe atualmente muita informação de como evitar que o mosquito da dengue se prolifere; mesmo assim uma parcela da população não toma consciência para prevenir a reaparição constante da doença. No campo das patologias psíquicas, quanto mais tempo uma pessoa convive com um sintoma (depressão, por exemplo), mais cresce a probabilidade de não procurar ajuda

---

<sup>5</sup> Pesquisa do economista, Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas, em 2009.

profissional. É esta evidência que leva Freud a pensar na hipótese do “benefício secundário da doença”, que é entendida pela “transformação da relação do sujeito com o seu sintoma”. Tal sintoma é sentido inicialmente como um corpo estranho (ou hóspede indesejável, segundo outra metáfora utilizada por Freud), mas, em seguida, o psiquismo acaba encontrando meios próprios de tirar mais vantagens dele, além da satisfação pulsional que [...] proporciona” (QUINET, 1991, p.100).

Para a psicanalista e professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Leny Mrech (1999, p. 90-91),

“esta posição [que ignora] pode ir se extremado a um tal ponto que os sujeitos adquiram uma *“paixão pela ignorância”*, isto é, não só eles não querem saber, como acabam tendo raiva daqueles que querem saber. Com isso o sujeito é levado ao ponto mais baixo do saber [...]. O que há por trás do saber levado ao seu mínimo? Há o gozo. O gozo enquanto uma satisfação pulsional e paradoxal que leva o sujeito a viver o pior, a manter um circuito de vida onde não haja mudança. Onde não haja investimento energético, onde haja apenas um cotidiano que continuamente se repete”<sup>6</sup>.

A paixão pela ignorância começa através da resistência para ler e estudar, adquirir livros, jornais, ver documentários e/ou filmes com conteúdo mais elaborado, como também

<sup>6</sup> A paixão pela ignorância tende a levar ao elogio da ignorância. Assim, o historiador Jaime Pinsky (2009) observa que o elogio da ignorância, em nome de um suposto princípio democrático, anarquista, libertário, anti-intelectual, antiburguês, reforça em si próprio a imagem de alguém ignorante, arrogante e incapaz de confrontar o saber do Outro com o seu saber supostamente melhor.

participar de eventos culturais e científicos na escola e universidades, etc. Se é verdade que a escola é a única instituição capaz de evitar a barbárie, na previsão de Adorno (1995), quando uma pessoa escolhe não estabelecer relação-com-o-saber (CHARLOT, 2000), ou evita se envolver com os lugares de cultura elevada<sup>7</sup>, se torna vulnerável à alienação e à barbárie.

Charlot (2008, p.23) lança um alerta aos modismos pedagógicos que idealizam um aluno pronto para aprender. “Se não quiser, recusando-se entrar na atividade intelectual, não aprenderá, seja qual for o método pedagógico da professora”. É imprescindível se ter “uma relação com o saber” para aprender. Assim,

“O conceito de relação com o saber implica o de desejo: não há relação com o saber senão a de um sujeito; e só há sujeito ‘desejante’. Cuidado, porém: esse desejo é desejo do outro, desejo do mundo, desejo de si próprio; e o desejo de saber (ou de aprender) não é senão uma de suas formas, que advém quando o sujeito experimentou o prazer de aprender e saber” (CHARLOT, 2000, p. 81).

O **fanatismo** (religioso<sup>8</sup> ou político) é um tipo de escolha de vida norteador

<sup>7</sup> Na década de 1970, Ivan Illich, propôs uma “sociedade sem escolas”. Ele próprio era professor universitário, até foi reitor. Ora, ainda que nossas escolas sejam mediocres, abolí-las conforme sua proposta, seria um mau maior. Porque uma sociedade sem escolas abriria espaço para a emergência de mais barbáries.

<sup>8</sup> A substituição das escolas laicas pelas madraças ou centros de doutrinação religiosa realizado pelos Talibans, no Afeganistão, talvez seja o exemplo mais emblemático de um governo que fez opção pela ignorância. Neste governo fundamentado na letra do Corão, o fanatismo levou ao extremo de queimar em praça pública: livros, rádios, TVs, fitas, até pipas. Não é só os fanáticos religiosos que odeiam o conhecimento sistemático e laico; também os sistemas totalitários de direita ou

pela paixão que ignora o todo. A “estrutura de alienação do saber” (sic), termo desenvolvido por Leny Mrech (1999), sustenta principalmente o modo de ser fanático. Lembrando o autismo, o fanático vive numa espécie de bolha impermeável a tudo que possa lhe proporcionar informação e conhecimento consistentes. Assim, determinados hábitos, rituais, obrigações, slogans, palavras de ordens, são fragmentos que estruturam *o seu pensar, o que deve escutar, dizer e o que fazer em um determinado momento*; ele se torna assim um sujeito sujeitado a não viver o todo da existência.



#### 4. A ignorância na escola

No livro “A produção da ignorância na escola”, Freitas (1991) escreve: “*Um dos pressupostos fundamentais é que, ao contrário do que se pensa, [nossa] escola não promove o conhecimento, mas produz ignorância*” (p.13).

esquerda odeiam tudo que expressa cultura. “Quando ouço a palavra cultura tenho vontade de por a mão no meu revólver”, disse um nazista do alto escalão do governo de Hitler. Quando os livros começaram a ser queimados pelos nazistas, Freud teria dito: houve um pequeno avanço, porque antigamente eram queimadas as pessoas. **Curiosidade:** os fundamentalistas religiosos excluem o conhecimento sistemático, mas não necessariamente a tecnologia. Os fundamentalistas islâmicos, judaicos e cristãos usam celular, assistem televisão, viajam de carro e avião, como também fazem uso da tecnologia para atos de terror.

Alguns dados: em 2007, o Brasil ocupa o 37º lugar em compreensão de leitura na faixa dos 15 anos. Em 2010, o ranking do Pisa<sup>9</sup> (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), mostra o Brasil em 57º lugar em leitura, 53º em matemática e 53º em ciências. Ainda reconhecendo que houve melhora no ensino praticado no Brasil, não há como negar que nossa escola produz ignorância em ciências, matemática e leitura. Também foi amplamente divulgado pela mídia que 60% dos brasileiros não têm hábito de ler; cerca de 40% dos professores da educação básica não lêem sequer um livro por ano. Esses dados denunciam que o ambiente escolar é também dominado por essa forma de ignorância. Em alguns espaços acadêmicos, no Brasil, existe um preconceito velado dirigido aos alunos e professores que são considerados leitores compulsivos e compradores compulsivos de livros<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> O Pisa busca medir o conhecimento nestas áreas do saber com estudantes de 15 anos de idade, em 65 países membros da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Em 2010, foi dada ênfase na leitura deste ranking. O desempenho dos alunos brasileiros teria melhorado em relação aos anos anteriores, mas é vergonhoso em relação aos demais países, como a China (Xangai), que participou pela primeira vez do Pisa, e obteve a melhor pontuação em matemática, ciências e leitura, ou seja, o primeiro lugar. A Coreia do Sul conquistou a segunda melhor colocação, com 539 pontos, seguida da Finlândia, com 536, considerada a melhor escola do mundo. O *score* brasileiro subiu 16 pontos (de 396, em 2000, para 412, no ano passado); estamos acima da Argentina (58º), Panamá (62º) e Peru (63º), mas ficamos abaixo do Chile (44º), Uruguai (47º), México (48º) e Colômbia (52º).

<sup>10</sup> O bibliófilo José Mindlin considerava a compulsão de ler e comprar livros de “loucura mansa”. “*Por quê? Porque a gente fica mesmo envolvido com uma compulsão quase patológica de procurar livros, de comprá-los e, naturalmente, de lê-los. Algumas pessoas têm biblioteca como coleção, não como parte da*



Este tipo de ignorância parece ter sido herdado do senso comum que dizia que “ler muito fica bobo”. Uma pesquisa divulgada na imprensa revela que um número significativo de nossos alunos de ensino médio e superior não possuem biblioteca em suas casas, provavelmente porque o vício da fotocópia e os resumos dos livros escolhidos para o vestibular promovem a dispensa da leitura do livro.

### 5. O “*aburrimento*” dos professores

Trata-se de um termo castelhano desenvolvido por Alicia Fernandez (1994), que não tem uma tradução adequada em português. Aproxima-se do nosso “aborrecimento”, mas falta-lhe o sentido de “fazer-se burro”, de “apagar a máquina desejan-te-pensante”, de procurar saber mais. Parece que os professores são propensos ao “*aburrimento*”, isto é, a “se acreditarem vazios”, “fechados para algo que não lhes interessa” ou demonstram uma fadiga para exercitar o pensamento, e, principalmente, a imaginação. “Onde há *aburrimento* há a sensação de desconexão, de um vazio, de buraco, e, como este buraco se faz intolerável, chega alguém com algum produto da indústria do entretenimento montada justamente para escapar do vazio”. Os queixumes repetidos dos “companheiros de sofrimento” é o *aburrimento* que se confunde com a ignorância para saber e ser algo mais.

Professor/a não comprometido com a leitura sistemática e o investimento da pesquisa também está na condição de *aburrido/a*. Primeiro, porque

---

*vida. Sem ter a leitura como objetivo principal, a biblioteca não tem sentido para mim*” (2007). Se for considerada doença, “*é uma doença muito peculiar, diferente das outras doenças, porque faz a gente se sentir bem, ao invés de se sentir mal. Não faz mal a ninguém e, além de tudo isso, é incurável*” (MINDLIN, 2004).

desconsidera a leitura como meio de acesso ao saber e à cultura. Segundo, porque tenta passar a ideia de que o investimento na leitura não é tão necessário para a formação do sujeito<sup>11</sup>.

### 6. A ignorância na internet

Para Andrew Keen (2009), a internet está se tornando uma “rede de bobagens”, sobretudo para os narcisistas ansiosos que, ao divulgarem suas ideias triviais, se encontram com outros dispostos a trocar trivialidades com uma linguagem cada vez mais cifrada e empobrecida. Pelo tempo gasto e pelo vício nas informações rápidas, rasas e descartáveis, os internautas ficam desacostumados a se dedicar aos assuntos mais profundos e que exigem uma leitura mais apurada. Possivelmente, o viciado nos monólogos cruzados das redes sociais desenvolve uma atitude de distanciamento com as leituras que exigem mais tempo, mais tranquilidade e mais disposição intelectual para se pensar e sentir as coisas da vida.

Os alunos de hoje são mais propensos a estudar, quando pedimos que façam uma “pesquisa” na internet ao invés de uma “pesquisa” na biblioteca; eles parecem aliviados da obrigação de ler textos impressos, principalmente se tais textos são clássicos da literatura, da filosofia, da ciência, etc. Também o professor é pressionado para utilizar as novas tecnologias de comunicação, desde fazer uma web conferência, videoaula, até interagir num ambiente

---

<sup>11</sup> As pessoas cultas sabem identificar um “flagrante de delito de incultura”, que as incultas ignoram. Para Pierre Bayard (2007), a cultura é antes de tudo uma questão de “orientação” (sic). Isto é, ser culto não é ter lido este ou aquele livro, é saber se *orientar* no conjunto dos livros e saberes. Ser culto é estar em condições de situar cada elemento em relação aos demais.

virtual com os alunos. Tal pressão seria bem vinda por si só. Mas, junto com este novo costume “eletrônico”, vem a sensação de que se deve privilegiar autores e textos contemporâneos, reproduzidos nas mídias, do que continuar investindo naqueles que habitam o mundo do papel. O ambiente da universidade contemporânea há décadas trocou o investimento de “formação do sujeito” (do grego, *Paidéia*), pelo treinamento para uma profissão apropriada à medida do mercado ou para a pesquisa em ritmo produtivista. Lembrando Bachelard, sobre a ciência e o senso comum, pode-se dizer que também a universidade contemporânea caminha contra a ignorância, mas seus agentes não mais cultivam a conversa culta, esclarecedora, inspiradora. Por isso, os professores, mestres e doutores de nossa época, estão longe de serem cultos e intelectuais.

### 7. A ignorância do especialista: alguém que “sabe tudo sobre nada”

Variante dessa segunda forma de ignorância é o sujeito que, embora tenha conquistado um título de doutor – defendeu uma tese de doutorado –, comporta-se como ignorante no dia-a-dia, por exemplo: ignorando os cuidados de saúde, displicente para com a higiene, desleixado na aparência, desrespeitoso no trato social, desinformado sobre assuntos noticiados no cotidiano. Os alunos ficam perplexos ao perceberem essas contradições em alguns professores especialistas em algum saber, notadamente aqueles que defenderam tese de doutorado. E como estes professores-doutores não sabem escutar os alunos, terminam sendo considerados ignorantes-doutos. Evidentemente, ser *expert* não quer dizer seguir uma sabedoria prática.

Na sua época, Tomás de Aquino dizia temer o homem que só conhece um livro ou que só reconhece um autor como referência única de verdade<sup>12</sup>. Também o budista Tenzin Wangyal Rinpoche (1998) alerta que

“se não formos cuidadosos, os ensinamentos podem ser usados para sustentar nossa ignorância. Alguém pode dizer que é ruim obter uma graduação avançada ou que é errado ter restrições de dieta, mas esta não é a questão. Ou alguém pode dizer que a ignorância é ruim ou que a vida normal é apenas uma estupidez samsárica. Ser apegado a isto ou ser repelido por aquilo é apenas o mesmo velho jogo do dualismo, brincado no reino da ignorância”<sup>13</sup>.

É o caso dos doutores, cujo título de doutorado funda ou reforça tanto a arrogância de saber, como “a ignorância de não querer saber algo mais”, ou “a arrogância de que seu saber lhe é suficiente para explicar tudo”. Noutros termos, ainda que a cultura universitária moderna e contemporânea seja desenvolvida com a intenção de conduzir seus estudantes ao conhecimento, ela também produz ignorância no sentido de que não desenvolve a sabedoria nos seus formandos. Mas o pior efeito da ignorância universitária está na produção da violência simbólica, estudado por Pierre Bourdieu. Isto é, a

<sup>12</sup> “*Timeu hominens unius libri*” ([http://it.wikipedia.org/wiki/Timeo\\_hominem\\_unius\\_libri](http://it.wikipedia.org/wiki/Timeo_hominem_unius_libri)).

<sup>13</sup> O budismo identifica duas formas de ignorância: “a ignorância inata e ignorância cultural. A ignorância inata é a base do samsara e a característica definidora dos seres comuns. É a ignorância de nossa própria natureza verdadeira e da natureza verdadeira do mundo, e resulta no embaraço com as delusões da mente dualista” (o texto todo está disponível em: <http://www.dharmanet.com.br/vajrayana/wangyal3.htm>).

partir do momento em que o universitário domina o código linguístico, ele tanto camufla sua ignorância com um saber paradigmático como a usa “como uma espécie de mandarim” (CATANI et al, 2001, p. 140 – faz referência ao estudo de Prado Junior<sup>14</sup>).

Assim, o *doutor ignorante* estudou muito sobre um objeto, especializou-se em alguma área do conhecimento, mas se revela ignorante porque se recusa saber para além do que pensa que sabe e ainda pode usar tanto para camuflar sua ignorância como para exercer a violência simbólica sobre os demais, principalmente, sobre alunos e colegas de ofício.

Segundo Mrech (1999), o que induz o especialista para esse tipo de ignorância são as “estruturas de alienação do saber”, definidas como o discurso prévio de cada profissão ou especialidade que se revela em respostas padronizadas, quase mecânicas, usadas para escapar da escuta de um outro ou de uma nova ideia mais abrangente. Trata-se de “formas de saber estereotipado que perderam o efeito de possibilitar um contato real entre os sujeitos”. Segundo Mrech, “as estruturas de alienação do saber são formas de ação socialmente determinadas (hábitos, repetições, estereótipos, cláusulas obrigatórias, palavras-chave) que estruturam **o que escutar, o que dizer e o que fazer em um determinado momento** (op.cit.,p.35).

Seguidor não consciente das estruturas de alienação do saber, o pesquisador-especialista pode continuar ignorante no investimento da sabedoria prática, como

<sup>14</sup> Cf.: PRADO JR, Bento. A educação depois de 1980, ou cem anos de ilusão. In: \_\_\_\_\_ et al. **Os descaminhos da educação**. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 9-30.

também ignorante sobre o valor da amizade e de se relacionar com polidez etc. Focado no seu *status* de doutor – ainda que ele recuse o título ou demonstre não ser vaidoso com o “seu saber” – deixa escapar momentos de arrogância (“falo como especialista [...]”, quando menospreza a erudição de um outro especialista). Arrogância, dogmatismo, palavras agressivas e desrespeitosas principalmente em um doutor revelam ignorância, sobretudo se o próprio não se dispõe a fazer uma autocrítica e aprimorar a virtude da prudência, esta sim, uma virtude cardinal daqueles que investem na contramão da ignorância.

### 8. A ignorância produzida pelo superego pós-moderno

O superego pós-moderno parece ser o principal agente psíquico da ignorância dos sujeitos de nossa época. Ele autoriza alunos, professores e pais a serem displicentes ou até avessos em relação à leitura e ao exercício de escrever, à prudência e à polidez. Para Zizek (1999), o superego pós-moderno ordena: “desfrute”, “goze a vida” custe o que custar. Trata-se de uma ética que vai além do estilo “Zorba, o grego”, do livro de Nikos Kazantzakis. Porque para esse modo de viver (em grego, *éthos*) tanto a leitura<sup>15</sup> como as amizades não

<sup>15</sup> O leitor contumaz convive com uma certa crítica que alerta, como diz Rubem Alves (2001), inspirando-se em Arthur Schopenhauer “Sobre livros e leitura” que (a) *ler demais impede o leitor de viver a vida concreta*; (b) *ler em excesso boicota a capacidade de “pensar por conta própria”...* “Esse é o caso de muitos eruditos: leram até ficar estúpidos. Porque a leitura contínua, retomada a todo instante, paralisa o espírito ainda mais que um trabalho manual contínuo, já que neste ainda é possível estar absorto nos próprios pensamentos” (ALVES, op.cit., p. 57-58). Ou seja, existiria uma ambiguidade no ato da leitura: tanto pode contribuir para a ascense, como para alienar o sujeito. A leitura compulsiva tende a alienar

fazem parte do estilo de “gozar a vida”, mas sim, trata-se de uma atitude predadora de desfrutar sem limites tudo que se encontra pela frente: da natureza ou dos seres vivos.

Para a mentalidade pós-moderna devemos curtir a vida a qualquer preço, usando todos os meios que dispomos; porque, se não o fizermos sentiremos culpa. Slavoj Zizek, a quem pedimos emprestado esse conceito, nos pergunta: estaríamos dispostos a acatar o desejo de uma criança para não ir à escola, não estudar as matérias escolares, não ler e nem escrever? As obrigações sempre foram consideradas chatas pelas crianças e adolescentes, mas o diferencial hoje é que os pais se acovardam diante do não-imposto por elas para: arrumar seu quarto, ajudar os pais, fazer tarefas escolares. Os jovens hoje não se colocam no lugar do pai, da mãe, da empregada, quando se trata de realizarem tarefas domésticas. Ou seja, existe um defeito no seu dispositivo de empatia.

Voltando a Zizek. O superego no sentido freudiano era forjado pela introjeção da lei-do-pai, e funciona no sujeito como censura moral: “você pode, mas não deve”. Repetindo o já dito, o superego pós-moderno ordena “desfrute”, “goze a vida”, “você pode tudo”. Os sujeitos se sentem na obrigação de se divertir, de curtirem a vida adoidado, como se fosse uma espécie de dever, e, conseqüentemente, se sentem culpados quando não conseguem obedecer a essa ordem, ou sentem-se envergonhados quando deixam de acompanhar o ritmo dos colegas na busca frenética para gozar a vida. Assim, “o superego controla a zona na qual esses dois opostos se

sobrepõem – na qual a ordem de sentir prazer em cumprir seu dever coincide com o dever de sentir prazer” (ZIZEK, 1999).

Ainda, segundo o autor, ao contrário do que pensam alguns especialistas, nossa sociedade está saturada de normas e regulamentos que visam o nosso bem-estar, principalmente o bem-estar das crianças. Esse novo superego que também regra tudo, pretende funcionar como muleta para corrigir os efeitos da destituição da autoridade do pai (sistema patriarcal), isto é, do pai “forte”, “provedor”, “exemplo a ser seguido”, “representante da lei”, e no seu lugar surge um pai “fraco”, “banana”, “castrado” que muitas vezes ignora a lei ou passa por cima da lei revelando ser um “pai cínico”. No fundo, ainda que pai e mãe sejam reconhecidos como “autoridades parentais”/ “casal parental”, eles não conseguem exercer a plenitude da AUTORIDADE, porque falta-lhes uma rede simbólica de sustentação na sociedade.

Nessa nova ordem familiar é que se desenvolve uma nova geração de desorientados (sem referências, sem bússola), no fundo uma nova geração de bárbaros, que são submetidos ao superego pós-moderno, cujos indícios apontam para a ignorância radical dos sujeitos protagonistas nos *reality shows* televisivos: Super Nanny, SOS Babá, A domadora, Anjolecentes, Troca de Esposas, etc.

### Considerações finais

Podemos continuamente estudar, ler bons livros, freqüentar diversos cursos, mas jamais teremos acesso a todo saber. Por seu lado, na subjetividade humana sempre haverá um resto de ignorância, isto é, algo que sempre escapará à educação. Porque o não-sabido

---

(lat. *alius*): faz o sujeito ficar-fora-de-si ou caminhar num mundo que não é seu, mas sim do outro.



(inconsciente) carrega o paradoxo: ser um depositário do saber acumulado do sujeito e, ao mesmo tempo, ser “um saber que não se sabe” (MANNONI, 1989).

A ignorância sábia do filósofo que diz “sei que nada sei”, nos parece a atitude mais sensata e salutar para aprimorarmos nosso conhecimento e desenvolvermos a sabedoria.

Vivemos a era dos extremos e dos absurdos. O ser humano contemporâneo vive dilemas, desafios e pressões para gozar a qualquer preço, porque se tornou um “homem sem gravidade” (MELMAN, 2003). Suportamos o avanço da ciência e da tecnologia ao lado da ignorância real e virtual. Vivemos numa era de Tântalo, aquela personagem da mitologia grega que foi castigado a estar imerso na água até o pescoço, mas ficou impedido de matar sua sede e de comer os frutos dos galhos das árvores que balançavam sobre sua cabeça.

Atualmente, a abundância de telas eletrônicas com suas imagens, informações e conhecimentos paradoxalmente pode gerar ignorância e confusão na população. Porque nem todos estão preparados para saber escolher e discernir sobre o melhor caminho que conduz à ascense. Na verdade, a maioria dos programas televisivos e dos *sites* da internet contribuem para a manutenção da ignorância do povo, fornecendo informação rasa, acrítica e descartável. Como já foi dito, a proclamada sociedade do conhecimento é uma ilusão; no fundo, resta-lhe apenas informação abundante, para a qual nem todos têm acesso.

E é este aspecto que nos guiou neste ensaio. Nossa preocupação maior, em síntese, foi fundamentar em que medida

se torna imprescindível a contribuição da psicanálise a este respeito. Podemos dizer, em poucas palavras, que ela se tornou decisiva para que nossa educação, sobretudo a educação escolar e universitária, supere boa parte da ignorância que impede o ser humano de viver dignamente e possa levá-lo tanto a compreender quanto a viver sua divisão constitucional de sujeito.

#### Referências

- ADORNO, T. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ALVES, R. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. São Paulo: Loyola, 2001.
- ARCOVERDE, Yvelise. **O Diário do Norte do Paraná**, Cad. A-9, 22/03/2009.
- BARROS, M. **O Livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BAYARD, P. **Como falar dos livros que não lemos?** Rio de Janeiro: 2007.
- CARVALHO, J.M. “Cidadãos ativos: a revolta da vacina”. Cap.4. In: **Os bestializados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CATANI, A. et al. Pierre Bourdieu: as leituras de sua obra no campo educacional brasileiro. In: KONDER, L. et al. **Sociologia para educadores**. Col. Educação e Sociedade, (8). Rio de Janeiro: Quartet, 2001, p. 127-160.
- CHARLOT, B. **Da relação com o saber: Elementos para uma teoria**. Porto Alegre: 2000.
- CHARLOT, B. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador na contradição. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n.30, p.17-31, julho/dezembro 2008.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- CHEMAMA, R. (org.). **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- COTTET, S. **Freud e o desejo do psicanalista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- FERNANDEZ, A. **A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREITAS, L. **A produção da ignorância na escola**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREUD, S. Psicanálise 'silvestre'. In: **Edição Standard das Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 206-213.

KANT, I. **Resposta à pergunta: Que é "Esclarecimento"?** [Aufklärung]? Textos seletos. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

KEEN, A. In: **Entrevista à Veja**, 25/09/2009. Livro: "O culto do amador". Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

KURZ, R. A ignorância da sociedade do conhecimento. In: **Folha de S. Paulo**, 2002.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

MANNONI, M. **Um saber que não se sabe**: a experiência analítica. Campinas: Papirus, 1989.

MELMAN, C. **O homem sem gravidade**: gozar a qualquer preço. Entrevistas p/ J-P. Lebrun. Rio de Janeiro: Caderno de Freud. 2003.

MIDLIN, J. Uma doença que faz sentir bem. **Jornal da USP**, 12 a 18/04/2004, p. 10.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <[http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/setembro2007/ju371pag6-7.html](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/setembro2007/ju371pag6-7.html)>

MRECH, L. **Psicanálise e educação**: novos operadores de leitura. São Paulo: Pioneira, 1999.

PEREIRA, M.R. O avesso de uma paixão. In: **Dossiê "Psicanálise e Educação"**. Organizado por Sérgio Sklar. [Revista Eletrônica Espaço Acadêmico](#), nº 120, Maio/2011.

PINSKI, J. Disponível no seu blog: <<http://www.jaimepinsky.com.br/site/main.php?page=index>> Acesso em: 16/02/2009.

QUINET, A. **As 4+1: Condições de análise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

RINPOCHE, T. W. Disponível em: <<http://www.dharmanet.com.br/vajrayana/wangyal3.htm>> (Adaptado de The Tibetan Yogas of Dream and Sleep. Tenzin Wangyal Rinpoche, editado por Mark Dahlby. Ithaca: Snow Lion, 1998. p. 24-26).

ZIZEK, S. **Eles não sabem o que fazem. O sublime objeto da ideologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

ZIZEK, S. O superego pós-moderno. In: **Folha de S. Paulo – Mais!** 23/ maio/ 1999, p. 5-8.